



SOCIEDADE

Famílias e amigos em busca de respostas

Jovens brasileiras que faziam intercâmbio nos EUA rompem laços com familiares após conhecerem influenciadora digital

» BRUNO LUÍS BARROS

Reprodução/Redes Sociais

A mineira Letícia Maia Alvarenga, de 21 anos, desaparecida nos Estados Unidos desde abril deste ano, segundo informações divulgadas pelo pai, Cleider Castro Alvarenga, aparece em um site de prostituição que oferece o serviço de acompanhante em Austin, capital do Texas. Segundo o pai, que mora em Perdões, no Sul de Minas Gerais, a filha estava na cidade de Leander, naquele estado norte-americano. “Estamos desesperados. Se alguém tiver alguma notícia, nos avise. Peço também que compartilhem com outros grupos e pessoas que possam nos ajudar”, escreveu ele, em publicação no Instagram. Em outra postagem, ele suspeita que Letícia tenha sido vítima de tráfico humano.

Em nota à imprensa, a Polícia Civil de Minas Gerais confirmou que “há registro de desaparecimento de Letícia, e os pais dela foram ouvidos”. Ainda segundo a instituição, a Polícia Federal foi consultada e reportou que existe registro de desembarque da jovem no Aeroporto Internacional de Houston em 14 de maio deste ano.

Além de Letícia, Desirré Freitas, de 26 anos, natural de São Paulo, também está desaparecida nos EUA. Diante das incertezas do que aconteceu com as jovens, pais, familiares e amigos travam uma batalha em busca de respostas. Ambas sumiram após envolvimento com a influenciadora digital Kat Torres, popularmente conhecida como Kate a Luz. Os familiares de Desirré também encontraram fotos da jovem na internet com a oferta de serviços sexuais.

Letícia se mudou para os



Letícia Maia Alvarenga, de 21 anos, desaparecida nos Estados Unidos desde abril, aparece em um site de acompanhantes em Austin, Texas



Estamos desesperados. Se alguém tiver alguma notícia, nos avise. Peço também que compartilhem com outros grupos e pessoas que possam nos ajudar”

Cleber Castro Alvarenga,
pai de Letícia

Estados Unidos para fazer um programa de intercâmbio em que permanece com uma família anfitriã norte-americana, por um ano. No entanto, após conhecer Kat, ela cortou laços com os familiares.

Devido à pressão popular, Kat declarou, por meio das redes sociais, que tanto Letícia quanto Desirré estão bem, e que elas não falam com suas famílias em decorrência de relacionamentos abusivos. As jovens, posteriormente, gravaram vídeos reforçando as falas de Kat. Letícia, especificamente, chegou a aparecer em uma live com a guru.

A jovem confrontou a família em vídeos publicados no Instagram e acusou o próprio pai de abuso sexual. “Quando eu era criança fui abusada pelo meu pai. Minha mãe sempre ia para a roça e eu ficava com meu pai. Então, era nesse tempo que tudo acontecia. Ele abusava de mim sexualmente. Minha mãe chegava em casa, eu falava o que aconteceu e ela deixava para lá”, afirmou a jovem, acrescentando que encontrou apoio em Kat para lidar com a situação.

As publicações com ataques à família não convenceram a

maioria dos internautas. Nos comentários, muitas pessoas acreditam que Letícia foi coagida, de alguma forma, a gravar os vídeos. Em relação às postagens em texto, foi levantada a suspeita de que as mensagens tenham sido escritas por Kat.

Caso Desirré

Matheus Rego, que afirma ter sido colega de escola de Desirré, acusa a influenciadora de ter provocado o sumiço das jovens. “Enquanto pesquisamos sobre Kat, descobrimos que Desirré era uma seguidora

fiel da coach. Ela aparecia em comentários, conversando com outros seguidores, também postando em seu Instagram como a Kat fez diferença em sua vida”, iniciou.

Em imagens divulgadas por Matheus, a coach Kat Torres diz que cobra US\$ 8 mil para “fazer energia”. Segundo ela, o procedimento serve para que as pessoas consigam visto de trabalho ou permanente e, deste modo, possam ficar nos EUA. “Assim, elas poderão fazer ‘business’ comigo, eu mesma, em pessoa, e elas ficarem milionárias aqui. Eu sei que é um plano de mestre, e ninguém quis ter o estresse de fazer”, disse, destacando que o projeto é comandado por ela, Letícia, Desirré e “algumas outras duas bruxas”.

Segundo a família, Desirré não aparece em público desde 19 de setembro. O amigo Matheus disse que, nos posts que publicava, ela “escrevia igual a Kat”. Dois dias antes, a coach enviou para a página Searching Desirré um vídeo no qual a jovem pede para que as pessoas parem de procurá-la. No dia 18 do mesmo mês, Letícia também divulgou um vídeo em que, de forma bem agressiva, reforça não querer contato com familiares.

Quem é Kat Torres

Em seu site oficial, Kat Torres se apresenta como modelo, escritora e “life coach”, alegando ter mais de mil clientes pelo mundo para os quais realiza consultas. Em seus atendimentos, ela promete uma “transformação de vida” e ensina como ter “relacionamentos de sucesso”. Natural do Paraná, atualmente ela afirma que reside em Nova York.

ALFABETIZAÇÃO

Para especialistas, aplicativo não funciona

» JÁDER REZENDE

Adotado pelo Ministério da Educação (MEC), em novembro de 2020, como importante ferramenta de alfabetização no país, o aplicativo finlandês GraphoGame — jogo educacional com ambiente virtual voltado à aprendizagem de habilidades fonológicas — é rechaçado por especialistas em educação, que chegam, até mesmo, a classificá-lo como “picaretagem”. A estratégia foi destacada pelo presidente e candidato à reeleição, Jair Bolsonaro (PL), no primeiro debate do segundo turno, na noite de domingo, ao enfrentar o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, na TV Bandeirantes.

O atual presidente disse que a ferramenta permite a conclusão do processo de alfabetização em apenas seis meses, porém, sem entrar em detalhes. A versão do GraphoGame no Brasil foi adaptada e desenvolvida por especialistas do Instituto do Cérebro, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Em cada fase do jogo, várias letras

aparecem na tela do dispositivo e o som de uma delas é pronunciado em áudio. Ainda de acordo com a dinâmica, a criança precisa acertar a letra correspondente àquele som e, a cada acerto, ocorre uma pontuação. Ao final de cada fase é apresentado o índice de aproveitamento e as etapas vão se tornando mais complexas.

O professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) Daniel Cara observa que os próprios produtores do aplicativo assumem que ele só auxilia no início do processo de alfabetização, embora.

“Esse aplicativo tem poder limitado de colaborar na alfabetização. De maneira alguma essa ferramenta substitui a interação entre professor e aluno. É uma picaretagem a forma como ele está sendo divulgado e como o Bolsonaro utilizou o assunto no debate”, diz Cara, ponderando que o aplicativo em questão utiliza o método fônico, que é construção silábica. “Havendo uma palavra composta por consoante-vogal ou vogal-consoante, o aplicativo colabora, mas o método fônico

Lucio Bernardo Jr. / Câmara dos Deputados



Claudia Costin: nada substitui um bom professor em sala de aula

tem problemas enormes em relação à irregularidade da língua portuguesa e como se ensina na alfabetização uma criança. Há muitos exemplos, como a palavra ‘osso’, que tem uma vogal, duas consoantes e que tem a mesma sonoridade de ‘aço’. O aplicativo tem limitações”, avalia.

O acesso a equipamentos como tablets ou telefones celulares para a maioria das crianças também é outro problema apontado pelos especialistas em educação. “Não é possível distribuir celulares para todos. No auge da pandemia, vimos essa dificuldade. Milhares de estudantes não tinham acesso à internet ou equipamento para aulas remotas”, lembra Cara.

O especialista lembra que o aplicativo pode até apresentar resultados satisfatórios na Finlândia, onde os professores são bem remunerados, existe uma ótima política de carreira e uma excelente estrutura para garantir condições de trabalho. “O GraphoGame é uma vírgula dentro do processo finlandês como um todo, mas, no Brasil, a realidade é bem outra. Para a gente trazer o modelo finlandês, temos que fazê-lo por completo, ou seja, uma escola com formação continuada, professores dedicados, recebendo um excelente salário e com condições de trabalho nas

escolas”, disse.

Diretora do Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ceip), Cláudia Costin afirma não haver “bala de prata para a alfabetização”. Alfabetizar uma criança em seis meses, usando essa ferramenta de origem finlandesa como forma essencial não funciona. Não que seja um aplicativo ruim, mas nada substitui um bom professor. Na Finlândia, os professores utilizam livros didáticos, explicam, apoiam as crianças”, afirma, lembrando que, no Brasil, até mesmo o Instituto do Cérebro, do Rio Grande do Sul afirma que a ferramenta, sozinha, não resolve nada, que trata-se apenas de um instrumento de apoio.

A pedagoga Paula Lorenzon, da Clínica Psicopedagógica Trevo, em Brasília, engrossa o coro dos que condenam o uso do GraphoGame visando um processo acelerado de alfabetização. Ela lembra que cada criança tem um ritmo, uma história, e que determinar tempo de seis meses para alfabetização por meio de um aplicativo é, simplesmente, um exagero. “Um aplicativo, por melhor que seja, não substitui a sala de aula, muito menos o professor, que é um auxiliar imprescindível no processo de alfabetização”, afirma.